

COLUNA DO HERÓDOTO

Debate decisivo



Heródoto Barbeiro (\*)

*O candidato democrata não se saiu bem no primeiro de uma série de debates com o seu opositor republicano. Já era de se esperar.*

O republicano é mais jovem, tem treino político e sustentação econômica forte. Não se faz campanha nos Estados Unidos sem um caixa eleitoral bem guarnecido, e o republicano conta com polpudas doações provenientes da burguesia industrial americana. Sobretudo do nordeste do país. Ela, por sua vez, tem forte lobby no Congresso e quer uma economia aberta, livre cambista, liberal, sem intervenções do Estado que possam atrapalhar os negócios ou querer aumentar a carga tributária das camadas mais ricas da população. O candidato democrata pensa diferente.

É um homem politicamente experiente. Sempre viveu de política e sabe como manobrar o Congresso. Tem a maior parte dos seus eleitores no sul do país, o que lhe garante uma vitória folgada, tanto para uma cadeira no senado, como na presidência dos Estados Unidos. O risco que corre é que sua base de apoio possa se dividir e ele perder a eleição.

Questões cruciais estão em jogo nos Estados Unidos. Outras nações acompanham com interesse a disputa política americana, uma seleção de ex-colônias europeias. O poder federal está sediado em Washington, mas os estados americanos são ciosos em lembrar que a nação nasceu sob a égide do federalismo, isto é, cada estado tem sua própria Constituição, senado legislativo e leis locais. O que implica que uma lei de um estado nem sempre vale para o estado vizinho. Há divergências marcantes como, por exemplo, a forma como o trabalho é organizado.

O embate entre republicanos e democratas descamba para o campo das ameaças e a mídia tem participação nisso. A divulgação dos debates entre os candidatos faz do republicano conhecido em todo o país, já o democrata tem popularidade garantida por sua longa carreira política no Congresso. O sistema eleitoral apoia-se nos votos dos representantes estaduais e estes procuram representar os interesses locais. O voto popular não é decisivo.

O candidato republicano avalia que a eleição para senador é de suma importância para quem almeja chegar à presidência dos Estados Unidos. A barreira para esse objetivo é o candidato democrata. Este tem muito mais votos no sul do país, onde tem o apoio do agronegócio exportador. Ele está voltado para a exportação das commodities e, para isso, precisa de tarifas alfandegárias mais baixas, haja vista que as exportações para o exterior são pagas com produtos manufaturados. O republicano defende tarifas protecionistas para favorecer os industriais do nordeste dos Estados Unidos, concorrente dos países industrializados europeus. Os jornais publicam uma série de debates entre o ex-deputado federal Abraham Lincoln e o senador democrata Stephen Douglas.

O debate mostra que o país está perigosamente rachado. Não pode ter, simultaneamente, duas políticas aduaneiras. Está claro o confronto entre os proprietários de terras do sul e os nascentes industriais do nordeste. O sul precisa manter a mão de obra escrava nas fazendas. O capitalismo liberal do nordeste quer o trabalho assalariado.

Em 1858, o Congresso abre as porteiças para que o trabalho escravo possa ser utilizado em novas fronteiras agrícolas em estados do centro-oeste. Lincoln é contra. Quer o fim da escravidão e argumenta que o que está escrito na Constituição vale também para os negros. Douglas vence a eleição para o senado. O país avança para a eleição presidencial e, na campanha, Lincoln não defende o fim do trabalho escravo. Teme uma divisão, uma recessão entre os estados amarrados pelo federalismo que turbinam a autonomia estadual. Preocupa-se com a dissolução nacional, haja vista que o país são Estados Unidos e não unitário, como o Império brasileiro na mesma época. Avizinha-se a guerra civil.

Resta saber quem dará o primeiro tiro em uma sociedade que tem garantia constitucional de todo cidadão possuir uma arma de fogo. Que pode ser usada no Teatro Ford, em Washington.

(\*) - É âncora do Jornal Nova Brasil e colunista do R7, apresentou o Roda Viva na TV Cultura, Jornal da CBN e Podcast NEH. Tem livros nas áreas de Jornalismo, História, Mídia Training e Budismo www.herodoto.com.br.

News @TI

Solução completa de segurança para IA Generativa

@A Forcepoint, líder global em segurança, anunciou o lançamento de sua solução completa de segurança para IA Generativa. Como parte da missão da Forcepoint de entregar 'segurança de dados em todos os lugares', essa integração capacita empresas e agências governamentais a utilizarem inovações de GenAI de forma segura, acelerando sua transformação com IA enquanto mantém rigorosos padrões de segurança de dados e conformidade.

# Os irmãos Rebouças: grandes brasileiros!

Os irmãos Rebouças, Antônio Pereira Rebouças Filho (1839 - 1874) e André Pinto Rebouças (1838-1898), foram figuras notáveis na história do Brasil do século XIX.

Ueliton Messias (\*)

Afrodesscendentes, ascenderam às classes sociais mais altas, tendo se graduado em engenharia militar na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, em 1858, especializando-se na Europa em projetos de infraestrutura, como ferrovias, pontes, estradas e abastecimento de água.

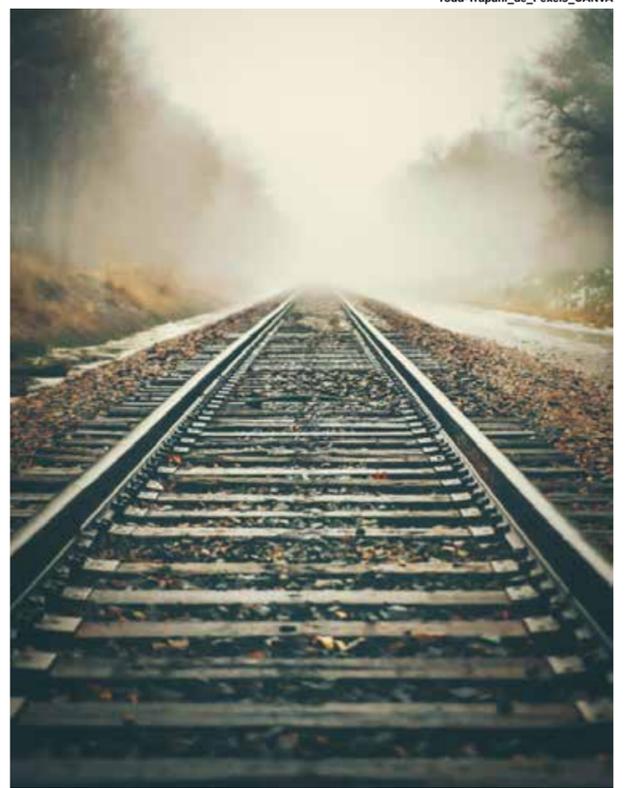
Dentre seus trabalhos, destacam-se a estrada de ferro que liga Curitiba ao porto de Paranaguá e a ligação ferroviária entre Campinas e Rio Claro - Antônio exercia o cargo de engenheiro chefe da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e veio a falecer muito jovem vítima de febre tifoide contraída quando em trabalho de campo nessa região.

Servindo como engenheiro militar na Guerra do Paraguai, André Rebouças desenvolveu um torpedo, utilizado com sucesso.

Em 1875, estavam entre os fundadores da Sociedade Brasileira de Engenharia; André ajudou a criar a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, ao lado de figuras como Joaquim Nabuco e José do Patrocínio.

Por suas obras importantes, os irmãos Rebouças foram homenageados tendo seu nome dado ao Túnel Rebouças, que liga as zona Sul e Norte do Rio de Janeiro, à Avenida Rebouças, uma das principais em São Paulo e ao bairro Rebouças, um dos mais valorizados de Curitiba, que fica próximo a uma estação ferroviária projetada por eles.

Os irmãos Rebouças foram homens de grande talento e inteligência que dedicaram suas vidas à luta por um Brasil



Todd-Trapani\_de\_Pexels\_CANVA

maior, mais justo e igualitário. Seu legado ainda é inspirador nos dias de hoje.

(\*) Doutor em Fisiologia Vegetal pela UNICAMP, é pesquisador da Embrapa e membro do Rotary Club de Jundiá e da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros

## Uma caixa de ferramentas chamada Clean Core

Na área de TI, assim como na vida, o menos é mais e conceitos simples costumam dar os melhores resultados. Assim vemos ascender o conceito de "Clean Core", no qual se mantém um sistema padrão, com núcleo consistente e máxima produtividade.

Em desenvolvimento de software, "Clean Core" refere-se a uma abordagem de design onde o núcleo do sistema é mantido limpo e livre de dependências externas. Isso significa que a lógica de negócios principal não deve depender diretamente de frameworks ou bibliotecas específicas, facilitando a manutenção, os testes e a evolução do software.

Atualmente, este conceito funciona como um núcleo do ERP da SAP que detém funções importantes do sistema, totalmente em nuvem. Ao adotar o Clean Core, as empresas percebem avanços notáveis no desempenho e na eficiência operacional, sobretudo em função da alta disponibilidade e da velocidade como as atualizações são feitas e, cabe ressaltar, totalmente sem impacto. É uma verdadeira caixa de ferramentas.

Assim, por meio dela é possível acessar novas tecnologias de imediato, como inteligência artificial, e já as inserir dentro do sistema. Alguém poderia perguntar: "mas isso já é possível com outras tecnologias". Mais ou menos. A realidade é que migrações e versões, por conta das customizações, são mais lentas, mais caras e mais demoradas do que dentro do Clean Core porque a introdução de novas tecnologias depende da sua compatibilidade com as customizações.

Na minha opinião, a abordagem Clean Core chega para transformar os processos empresariais - isso porque ela segue um padrão gerado pelos benchmarks. O que eu chamo de caixa de ferramentas tem também um outro compartimento



The\_Best\_Photo\_fo\_all\_CANVA

com muitos escopos a serem avaliados e aplicados de acordo com cada necessidade. Por exemplo: se uma empresa aumentou de tamanho, abriu uma filial e necessita de um processo novo, é possível consultar e implementar funcionalidades diferentes.

A caixa de ferramentas traz ainda módulos a serem selecionados, sem a necessidade de customizações impactantes. E oferece a possibilidade de se lançar uma tecnologia inovadora no mercado, seja da SAP ou de outro fabricante, caso esse outro tenha a mesma filosofia de Clean Core.

Ou seja, posso transformar processos empresariais imediatamente se eu tiver o acesso a tecnologias inovadoras que se conectem com o meu Clean Core.

Obviamente, há desafios. Como o Clean Core para ERP tem a premissa de utilizar as melhores práticas, os melhores processos e os itens de escopo que são muito completos, o principal obstáculo é mudar

o pensamento da empresa. Ao invés da companhia usar um sistema que se adequa totalmente a ela, é preciso se acostumar a utilizar um sistema que tem as melhores práticas de mercado consideradas padrão.

Claro que sempre há o que customizar, mas o desafio é mudar o conceito do ERP antigo, no qual tudo era adaptado. O objetivo é justamente fazer o contrário, promovendo avanços tecnológicos.

A tendência é que, no futuro, a tecnologia Clean Core disponibilize mais e mais funcionalidades e aplicativos na loja, com cada vez mais agilidade de integração entre sistemas e ERPs para, finalmente, obtermos total padronização. A partir daí, conseguiremos trazer a inteligência artificial imediatamente e essa loja de aplicativos garantirá mil possibilidades de inovações.

(Fonte: Décio Krakauer é CEO da Ramo).